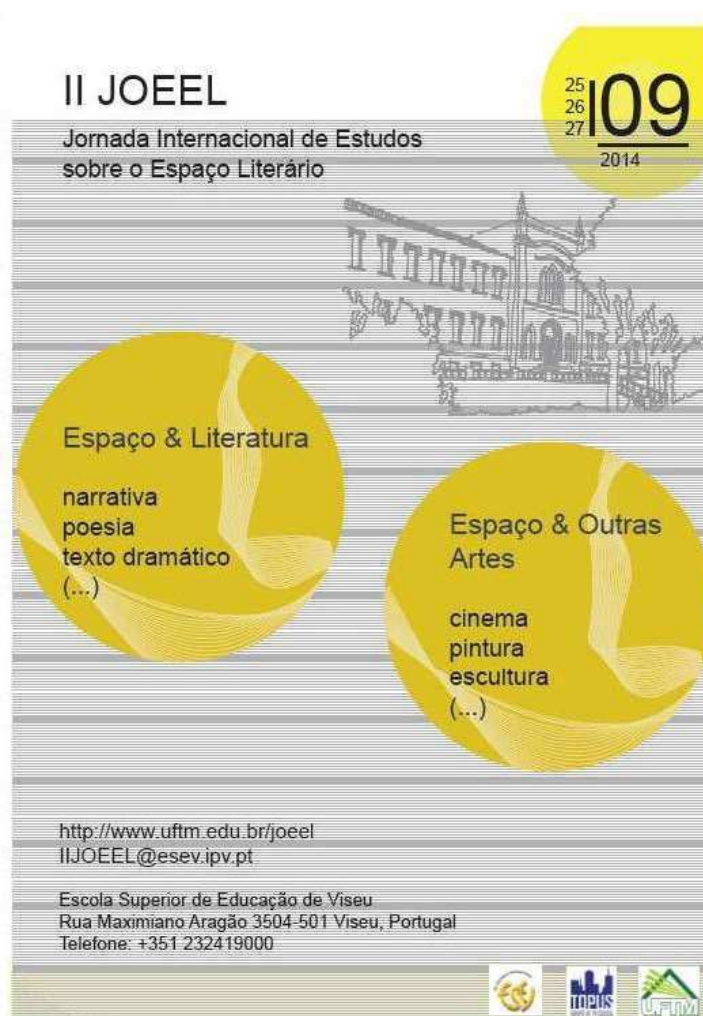


Caderno de resumos JOEEL



Realização: TOPUS - Grupo de Pesquisa

O ESPAÇO E O RECONHECIMENTO DO OUTRO EM TEXTOS DE MIA COUTO

Sara Raquel Henriques Pinho⁴⁵Susana Amante⁴⁶João Paulo Balula⁴⁷

Cada vez mais é necessário aprender a viver e a conviver numa sociedade multicultural em que a diversidade linguística, étnica, cultural e social é uma realidade, em resultado de fenómenos sociais como o aumento do fluxo de pessoas, de bens materiais e de serviços, traços marcantes da globalização, não podendo ser ignorados.

No início do século XXI, a frequência das escolas, em Portugal, permite verificar o efeito da globalização, pois as salas de aula congregam, frequentemente, alunos oriundos de diferentes países, com diferentes culturas. Daí que seja necessário que todos os alunos, desde cedo, sejam preparados para o reconhecimento e para a valorização da diversidade como uma oportunidade e fonte de aprendizagem para todos, respeitando o multiculturalismo, como afirma Amante (2014): *“thus, we must deconstruct erroneous representations of «the Other» and reconstruct authentic images”* (p. 329). Só assim conseguimos construir e viver harmoniosamente numa sociedade multicultural.

Uma forma de trabalhar estas questões pode passar pela abordagem do espaço na literatura, devidamente enquadrada no que está previsto para a educação literária, uma vez que esta abordagem, como é referido por Borges Filho (2007), implica necessariamente uma relação com questões da geografia, da filosofia, da história e da arquitetura, entre outras.

Na educação formal, o manual escolar é, indubitavelmente, um auxiliar no desenvolvimento das competências dos alunos. Como referem Rego, Gomes e Balula (2012),

o manual escolar é o primeiro recurso educativo que, numa sociedade com o ideal de disponibilizar o acesso a uma educação de qualidade para todos, está acessível a todos os alunos, independentemente do seu estatuto cultural, socioeconómico ou da região em que vivem. (p. 130)

Deste modo, o manual escolar pode contribuir para a qualidade do sistema educativo e, conseqüentemente, para o desenvolvimento da sociedade. Não podemos obliterar que o manual escolar pode ser também um meio importante para a construção do conhecimento e para a promoção de valores, contribuindo para a formação cívica e democrática dos alunos, nomeadamente no reconhecimento do valor da diferença. Na verdade, em Portugal, de acordo

⁴⁵ ESEV – Instituto Politécnico de Viseu, Portugal. sararhpinho@hotmail.com

⁴⁶ CI&DETS, ESEV – Instituto Politécnico de Viseu, Portugal. susanamante@esev.ipv.pt

⁴⁷ CI&DETS, ESEV – Instituto Politécnico de Viseu, Portugal. jpbalula@esev.ipv.pt

com o Despacho n.º 14788-A/2013, de 14 de novembro de 2013, os manuais têm que ser elaborados de acordo com as orientações curriculares e programáticas, nomeadamente proporcionando “a integração transversal da educação para a cidadania” e têm ainda que “respeitar os valores e os direitos e deveres fundamentais consagrados na Constituição”.

Tendo por base o enquadramento aqui apresentado, pretendemos, nesta comunicação, fazer uma abordagem de caráter exploratório sobre a relação entre o estudo do espaço na obra literária e o reconhecimento do Outro a partir das propostas didáticas apresentadas nos manuais escolares. Para este propósito, selecionámos a abordagem a dois livros de Mia Couto (*O beijo da palavrinha* e *O gato e o escuro*) que constam da lista de obras e textos recomendados para a iniciação à educação literária nas Metas Curriculares de Português do ensino básico.

Estes textos de expressão portuguesa propõem-nos a constatação da necessidade do reconhecimento do valor da diferença, ou seja, reconhecer a diferença do Outro como algo positivo e de uma riqueza notável e não como um mal a excluir. Daí que seja importante analisar as propostas de abordagem apresentadas nos manuais escolares, porque podem ser fonte de enriquecimento na construção multicultural e de grande importância como forma de partilha e de representação de mundos reais e/ou fantásticos, conhecidos e/ou desconhecidos para os alunos.

O beijo da palavrinha e *O gato e o escuro* são duas histórias que ultrapassam as fronteiras assimétricas do género, da geografia e da delimitação temporal e estabelecem um diálogo cultural no universo infantil, enquanto possibilidade de formação e evolução do leitor, realçando o reconhecimento do valor do Outro.

A propósito de *O gato e o escuro*, Ana Luísa Rajão lembra-nos que,

mais aprofundadamente, não só fica a importância de autoconhecimento e autoafirmação como a visão descentrada do *eu*: não se sendo único na vida, devemos praticar valores como a tolerância, reconhecer o direito à diferença e, fundamentalmente, o respeito pelo *outro*. (Rajão, 2014, s/p)

Nesta obra, o leitor é convidado a superar as suas próprias fronteiras simbólicas e a olhar, a partir do seu interior, para o horizonte onde pode alcançar o Outro, independentemente da sua aparência ou da sua marca geográfico-temporal, como tão bem ilustra a passagem que se segue:

O escuro ainda chorava:

- Sou feio. Não há quem goste de mim.
- Mentira, você é lindo. Tanto como os outros.
- Então por que não figuro nem no arco-íris?
- Você figura no meu arco-íris.

- Os meninos têm medo de mim. Todos têm medo do escuro.
- Os meninos não sabem que o escuro só existe é dentro de nós.
- Não entendo, Dona Gata.
- Dentro de cada um há o seu escuro. E nesse escuro só mora quem lá inventamos. Agora me entende?
- Não estou claro, Dona Gata.
- Não é você que mete medo. Somos nós que enchemos o escuro com nossos medos. (Couto, 2001, p. 21)

Assim, o Pintalгато, protagonista desta narrativa, sente a necessidade premente de cortar com o preconceito em relação ao escuro e, dessa forma, construir um autoconceito. Conhecendo o escuro, que neste caso representa o Outro, o gato desenvolve um pensamento positivo sobre ele, mas através da experiência que teve no decorrer da narrativa.

Neste texto, há uma metamorfose do mundo, para o recriar, para o tornar melhor, mais tolerante e respeitador das diferenças. No decorrer da narrativa, o gato completou uma aprendizagem essencial que foi o reconhecimento do valor do Outro. Esse é, nas palavras de Mia Couto, o principal objetivo de *O gato e o escuro*:

espero que o gatinho que habita estas páginas possa afastar ideias escuras que temos sobre o escuro. A maior parte dos medos que sofremos, crianças e adultos, foi fabricada para nos roubar curiosidade e para matar a vontade de querer saber o que existe além do horizonte. (Garcia, 2012, s/p)

Já na obra *O beijo da palavrinha*, o reconhecimento do Outro encontra-se na personagem Zeca Zonzo, irmão da personagem principal (Maria Poeirinha), uma menina de origem moçambicana que adoece gravemente e, por isso, se encontra no leito da morte.

Aquando do aparecimento da doença de Maria Poeirinha, o Tio Jaime Litorâneo afirma que, para a menina se curar, tem de fazer a travessia do mar. Contudo, essa travessia seria impossível, em virtude da fragilidade do seu corpo e, por conseguinte, com ajuda do irmão Zeca Zonzo, a protagonista encontra uma maneira distinta de “ver” esse mar e, dessa interação, surgem novas significações sobre si e sobre a vida, como a seguinte passagem sugere:

a mãe pegou nas mãos da menina e entoou as velhas melodias de embalar. Em vão. A menina apenas ganhava palidez e o seu respirar era o de um fatigado passarinho. Já se preparavam as finais despedidas quando o irmão Zeca Zonzo trouxe um papel e uma caneta.
- Vou-lhe mostrar o mar, maninha.

Todos pensaram que ele iria desenhar o oceano. [...] Mas não. Zonzo apenas rabiscou com letra gorda a palavra “mar”. Apenas isso: a palavra inteira e por extenso. (Couto, 2008, pp.14-16)

Maria Poeirinha, não podendo sair para ver o mar, em virtude da sua debilidade física, consegue fazer a tão necessária travessia pelas mãos, pela voz e pela intervenção criativa do seu irmão, Zeca Zonzo. Aqui dá-se ênfase à voz de Zeca Zonzo, visto que, em Moçambique, a oralidade, forma privilegiada de comunicação, tem uma grande importância para a população rural.

Através da representação gráfica da palavra “mar” e da sua imaginação, Zeca Zonzo surge como intermediário perfeito entre Maria Poeirinha e a realidade evocada. A menina não teria conseguido “ver” o mar se não fossem as mãos do irmão, agarradas às suas, num entrecruzamento entre a imaginação e o estímulo das memórias da irmã, como nos ilustra a seguinte passagem:

- Essa a seguir é um “a”. É uma ave, uma gaivota pousada nela própria, enrodilhada perante a brisa fria.
Em volta todos se haviam calado. Os dois em coro decidiram não tocar mais na letra para não espantar o pássaro que havia nela.
- E a seguinte letrinha?
- É uma letra tirada da pedra. É o “r” da rocha.
E os dedos da menina magoaram-se no “r” duro, rugoso, com suas ásperas arestas. (Couto, 2008, pp. 22-24)

Para concluir, tal como nos diz Medeiros, “entre mãos e voz, a palavra escrita é a canoa a transportar a menina para além dos limites do espaço em que vivia, a fazê-la abrir os olhos para dentro e ver possibilidades e sonhos inéditos” (Medeiros, 2013, s/p). Também Mia Couto nos transporta a nós, leitores, para além dos limites do espaço em que vivemos e nos faz abrir os olhos para vermos além de nós mesmos.

Referências Bibliográficas

- Amante, F. S. (2014). Why are you afraid of Indians? Issues of representation and misrepresentation in (Portuguese) children’s literature. *Humanities and Social Sciences Review*, 3 (2), 327-335.
- Borges Filho, O. (2007). *Espaço e literatura: introdução à topoanálise*. São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora.
- Couto, M. (2001). *O gato e o escuro*. Alfragide: Editorial Caminho.
- Couto, M. (2008). *O beijo da palavrinha*. Alfragide: Editorial Caminho.

- Garcia, N. K. (2012). *Mia Couto e uma história contra o medo*. Obtido de http://www.wvlivros.com.br/ljornadaestlit/artigos/port_bras/GARCIA%20NeivaKampff.pdf
- Rajão, A. L. P. (2014). O gato e o escuro – Resenha das obras publicadas. In Lusofonia. *Plataforma de apoio ao estudo da língua portuguesa no mundo*. Obtido de http://lusofonia.com.sapo.pt/mia.htm#NOTA_BIOBIBLIOGRÁFICA
- Medeiros, C. B. (2013). O voo da gaivota branca: A representação da morte em o beijo da palavrinha. *Revista eletrônica de estudos literários*. 2 (13). Obtido de http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0CCcQFjAB&url=http%3A%2F%2Fperiodicos.ufes.br%2Frel%2Farticle%2Fdownload%2F6173%2F4511&ei=VK4WVJjPFMfvaLeWgqAE&usq=AFQjCNG_GEQQuXoqWowUlaKpoTlcysKITA&sig2=gKj2_MXNjY9YjfwE-SZseg
- Rego, B., Gomes, C. & Balula, J. P. (2012). A avaliação e certificação de manuais escolares em Portugal: um contributo para a excelência. In M. F. Patrício, L. Sebastião, J. M. M. Justo & J. Bonito (orgs.). *Da Exclusão à Excelência: Caminhos organizacionais para a qualidade da educação* (pp. 129-138). Montargil: AEPEC.